

Maurício Antônio Lopes

presidente da Embrapa



divulgação

Trinta anos atrás, quando Maurício Lopes iniciou sua atuação na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o agronegócio engatinhava. A produção de culturas como a soja era concentrada na Região Sul e cultivares fornecidas pela empresa respondiam por até 60% do mercado. As atividades de pesquisa da Embrapa permitiram a ampliação da área da oleaginosa e outras culturas de peso, um mercado hoje dominado por indústrias multinacionais. Após assumir papel decisivo na ampliação das fronteiras agrícolas, a instituição tenta redefinir sua função. A competição nesse setor se acirrou e a liderança, segundo Lopes, não deve mais ser assumida pela Embrapa. “Não faz sentido aplicar recursos públicos, da sociedade, para competir com empresas que são boas provedoras de soluções para o mercado”, avalia. Na presidência da instituição desde outubro de 2012, ele comenta os desafios de médio prazo.

Agricultura & Engenharia - O que é mais marcante nos 40 anos da Embrapa?

Maurício Lopes - A pesquisa agropecuária contribuiu muito para que o Brasil pudesse, em um espaço de tempo relativamente curto, alcançar sua segurança alimentar e se projetar como um provedor de alimentos e matérias-primas agrícolas para o mundo. Até os anos 1970, o Brasil ainda importava alimentos básicos como arroz, leite e feijão. A mudança ocorreu nos anos 1970, com a decisão do governo de promover um investimento sólido em inovação para a área agropecuária, com o intuito de fazer com que o País pudesse alcançar a segurança alimentar. Foram várias decisões tomadas na época entre as quais a estruturação da Embrapa e de institutos estaduais de pesquisa, o fortalecimento das universidades que se dedicavam à área agrícola e o investimento na formação de recursos humanos. O Brasil, naquela época, enviou centenas de profissionais para as principais universidades do mundo para treinamento e capacitação e isso proporcionou um salto no desenvolvimento da capacidade brasileira de produção de alimentos e no desenvolvimento da sua agricultura. Num espaço de 30, 40 anos, o Brasil conseguiu reverter a visão corrente de meados do século passado de que seria praticamente impossível se implementar uma agricultura competitiva nos trópicos. Havia a crença de que fazia mais sentido deixar aos países na faixa subtropical e temperada do globo a responsabilidade de produzir alimentos. O Brasil mostrou que é possível produzir alimentos de forma competitiva e sustentável em regiões tropicais. E a Embrapa teve um papel importante nesse processo.

A&E - Quais foram os avanços mais marcantes na trajetória dos últimos 40 anos da agricultura brasileira?

Maurício Lopes - São muitos, mas eu destacaria dois eventos. O primeiro foi a geração de conhecimentos e tecnologias que permitiram ao Brasil transformar grandes extensões de savanas dos cerrados brasileiros - com solos ácidos, pobres em nutrientes - em grandes áreas agricultáveis, capazes de gerar alimentos com eficiência similar à de países de clima temperado. Esse foi um ganho marcante do sistema de inovação do Brasil: o desenvolvimento de tecnologia de correção de solos, de recomposição de fertilidade e de manejo de cultivos nos solos de cerrados. Isso transformou a região, que nos anos 70 era um uma área de pouca atividade econômica. Um exemplo é a região de Cristalina (GO), que este ano deve alcançar o topo da lista de PIB do Brasil.

Trata-se de uma região que, nos anos 70, era um grande vazio econômico e se transformou em umas das principais áreas produtoras de alimento do mundo. O segundo evento importante foi a adaptação de cultivos e criações de animais nas regiões tropicais. Boa parte dos cultivos que hoje estão em destaque na produção agrícola brasileira não era bem adaptada às nossas condições. Foi necessário, por meio do trabalho em recursos genéticos e em melhoramento, tropicalizar a soja de modo que ela pudesse se adaptar às regiões tropicais dos cerrados brasileiros. Há, também, a adaptação de gramíneas para pastagens, a adaptação e seleção de animais. O gado zebuino, por exemplo, veio da Índia e foi gradualmente selecionado e adaptado a regiões dos trópicos. Isso permitiu ao Brasil tornar-se um dos maiores produtores de carne no mundo. São apenas alguns poucos exemplos.

A&E - Quais os grandes desafios para a Empresa na virada dos 40 anos?

Maurício Lopes - São visíveis as contribuições



divulgação

que a Embrapa e as instituições parceiras deram ao País para a superação das grandes limitações que estimularam o setor privado a fazer investimento na agricultura. Olhando para o futuro, fica claro que a pesquisa tem que dar atenção ao grande contingente de produtores à margem do processo de desenvolvimento da agropecuária. Números recentes produzidos por pesquisadores nossos, a partir de estudos dos dados do senso de 2006, mostram que apenas 500 mil agricultores do Brasil foram capazes de acessar e fazer pleno uso das inovações que a pesquisa desenvolveu nos últimos anos. Mas o Brasil tem quase 5,3 milhões de propriedades agrícolas e, portanto, um grande número está ainda à margem do processo de desenvolvimento. Fazer com que um grande número de produtores rurais alcance o desenvolvimento demandará uma combinação de tecnologia, capacitação, crédito e assistência técnica. O governo está ciente de que essas condições precisam ser criadas e a Embrapa estará engajada nesse processo de buscar uma inclusão produtiva desses agricultores. Mas existem outros desafios que estão sob análise de prioridades da Embrapa.

Toda a questão ambiental, evidenciada na discussão do Código Florestal, deixa claro que o Brasil terá cada vez mais que investir em um crescimento vertical da sua produção. O novo Código mostra que não podemos mais trabalhar com a lógica de uma contínua expansão da agricultura brasileira em área física. O País vai precisar investir no aumento da eficiência dos sistemas produtivos para que os próximos avanços em produção venha por meio de ganhos em produtividade e eficiência. Aí está um desafio para o sistema de inovação agropecuária no Brasil. A pesquisa está trabalhando na busca de modelos de produção que integram sistemas de lavoura-pecuária, lavoura-pecuária-floresta, e que abrem uma perspectiva nova de expansão da produção de forma cada vez mais sustentável. Isso se harmoniza com outro objetivo muito importante que é o desenvolvimento de uma agricultura ambientalmente mais sustentável. A pesquisa precisa apontar alternativas para reduzir ou substituir insumos e processos que contribuem para a emissão de gases de efeito estufa e, também, para aumentar o estoque de carbono no solo. Os sistemas integrados são

uma oportunidade para a agricultura brasileira continuar produzindo mais e de forma mais sustentável, sem a necessidade de ampliação física de áreas. Por exemplo, temos cerca de 60 milhões de hectares de pastagem degradadas no Brasil que poderão gradualmente ser substituídas por sistemas de integração lavoura-pecuária e, eventualmente, até com floresta.

A&E - A sociedade também está passando por transformações. Como isso afeta a pesquisa?

Maurício Lopes - Existem vários desafios. Por exemplo, a automação de sistemas. Percebe-se que, com a gradual melhoria na qualidade de vida do brasileiro e a intensificação do processo de urbanização, a mão de obra no campo se tornará cada vez mais rarefeita. A pesquisa terá que trabalhar sistemas de automação, equipamentos e máquinas que poupem mão de obra e tornem o trabalho no campo mais eficiente. Este pode ser até um fator importante para tornar a vida no campo mais atrativa e ajudar a fixar a população no mesmo. Outro grande desafio está ligado à produção de alimentos com densidade nutricional e funcional mais elevadas. Isso está relacionado a um movimento de substituição do paradigma da cura de doenças por um paradigma de prevenção. Por isso, a pesquisa está mais atenta para a integração entre alimento, nutrição e saúde. Nós vamos precisar gerar e produzir alimentos com densidade nutricional e com qualidade funcionais cada vez mais adequadas para reduzirmos a pressão sobre os sistemas de saúde. Buscar alimentos mais seguros e tecnologia que permita lidar com problemas de pragas, doenças e contaminantes que possam colocar em risco a saúde dos consumidores é tema muito relevante para o futuro. A segurança biológica é uma tendência para os próximos anos, uma vez

que deverá aumentar o fluxo de alimentos ao redor do globo. Também teremos que ampliar a atenção no desenvolvimento de sistemas produtivos que economizem recursos naturais como a água e alguns fertilizantes como fósforo, cujas fontes são finitas. A pesquisa terá que desenvolver plantas mais adaptadas a condições de escassez. Temos que buscar novos conhecimentos para tornar os cultivos e os animais mais resistentes às condições climáticas extremas que estão previstas para as próximas décadas, por causa das mudanças climáticas globais. Para finalizar, é importante destacar outras oportunidades interessantes como a busca por fontes de energia que não contribuam para a emissão de gases. Há a utilização da biomassa, não só como fonte de energia renovável, mas no desenvolvimento de componentes para a indústria química, substituindo derivados da indústria petroquímica e do petróleo. Trata-se de uma vertente importante para a agricultura brasileira do futuro, por isso já estamos fazendo um grande investimento no sentido de ampliar a nossa capacidade em tecnologia de biomassa, buscando novas fontes e formas de retirar componentes importantes, não só para a indústria energética, mas também para a indústria química.

Creditos: Embrapa Cerrados.
sac@cpac.embrapa.br